



Foto Sérgio Borges - Telefoto Estado

Antes da Sessão, Ulysses abraça Moreira

Trabalho vai até junho, depois vem a campanha

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O Congresso terá, este ano, uma rotina de trabalho modesta e baixo comparecimento de senadores e deputados envolvidos na campanha eleitoral de seus Estados, segundo previsões de experientes políticos que temem, em consequência, o recrudescimento de campanhas dos meios de comunicação contra o Poder Legislativo.

Lembram que, reabrindo efetivamente só na terça-feira, Câmara e Senado praticamente suspenderão seu funcionamento no fim do mês em virtude da Semana Santa. Durante o mês de junho, o País estará totalmente motivado pelo futebol e mobilizado emocionalmente pela disputa da Taça Jules Rimet. Julho será o mês do recesso parlamentar em que a maioria dos senadores e dos deputados estará de volta às bases eleitorais até o fechamento das urnas a 15 de novembro.

Prevê-se que, por mais fortes sejam os ataques ao Senado e à Câmara por causa do pagamento de JETONS, a congressistas ausentes, ninguém conseguirá segurar em Brasília, nas comissões técnicas e nos plenários das duas casas, deputados e senadores. Todos eles estarão em seus Estados, defendendo, duramente, a reeleição ou a disputa de outros mandatos.

É que há receio muito grande por parte dos políticos tradicionais de que a campanha contra o pagamento dos jetons constitua armadilha para

prendê-los na capital da República, distantes de seus eleitores que estarão sendo conquistados por novos candidatos. Além do mais, há medo, quase pânico entre os atuais senadores e deputados quanto à elevada taxa de renovação do Congresso.

O líder do PDT, Nadir Rossetti, prevê que a renovação possa atingir 80% na Câmara, índice muito mais elevado que os habituais 55%. O deputado Ernâni Satyro (PDS-PB), constituinte de 1946, faz avaliação quase igual. Prognostica que apenas 30% dos atuais deputados se reelegerão. Tais avaliações assustam os parlamentares e os estimulam à luta mais intensa pela reeleição.

O veterano senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, também constituinte de 1946, não chega a prefixar percentuais. Admite, porém, que "a renovação será muito grande. Muita gente vai-se afastar. O eleito-rado é muito jovem, e pelo que se diz, os gastos serão uma barbaridade".

Interpelado pelos repórteres se persistia no propósito de deixar a vida pública, o político fluminense confirmou:

"O ator deve saber a hora de sair de cena."

E quando ele é aplaudido? — insistiram os jornalistas.

Amaral não mudou, porém, sua decisão. "Agradece os aplausos e se recolhe." Ele anunciou aos jornalistas que está atrás de atividades novas: ingressou na diretoria da Santa Casa do Rio, da Sociedade Nacional da Agricultura e filiou-se ao Clube de Engenharia, aos 81 anos de idade.